

Orgão de Comunicação	Jornalista	Secção/Suplemento	Data	Página
"PÚBLICO"	Anabela Campos e Cristina Ferreira	Economia	09/06/2006	46

MARTIM RAMOS



Os manifestantes teceram fortes críticas à política do governo Sócrates

CGTP defende reforma gradual da Segurança Social

Carvalho da Silva diz que "portugueses não podem resignar-se à ideia de que não pode haver crescimento económico"

JOÃO MANUEL ROCHA

A CGTP defende que a reforma da Segurança Social seja gradual e acompanhada de uma "atenção permanente" à evolução da situação económica. "As reformas são necessárias, mas têm que ser muito sustentadas e muito graduais", disse o secretário-geral, Carvalho da Silva, na manifestação promovida pela central sindical em Lisboa, no âmbito do Dia Nacional de Luta, que ontem promoveu em 21 cidades do país.

"Precisa de ser um processo longo, não pode ser precipitado. Tem de ser feito um controlo permanente das medidas aplicadas e acompanhado de medidas que promovam o crescimento económico", disse a jornalista. "Os trabalhadores e os portugueses não podem resignar-se à ideia de que não pode haver crescimento económico", acrescentou, destacando que uma melhoria da economia pode alterar os pressupostos da reforma.

Para o líder sindical, assegurar que as mudanças anunciadas garantem a sustentabilidade do sistema até 2050 "é um disparate" e "o primeiro erro" que o Governo cometeu foi criar a ideia de que a reforma é definitiva. "Criam-se ilusões e a seguir isto não dá", afirmou também.

"Queremos que o Governo pondere. Não aceitamos que o caminho seja a redução de direitos e o agravamento da idade de reforma", disse aos manifestantes concentrados frente ao Ministério do Trabalho e Solidariedade, após um desfile iniciado junto às instalações da Segurança Social, em Entrecampos. "Se a esperança de vida é conquistada de todos, não podem ser só os trabalhadores por conta de outrem a pagar", acrescentou.

A manifestação de Lisboa, que decorreu entre o edifício da Segurança Social, em Entrecampos, e a Praça de Londres, frente ao ministério, mobilizou trabalhadores de Lisboa e Setúbal num número que a CGTP calculou em mais de dez mil, mas que a PSP considera não ter ultrapassado os "quatro a cinco mil".

Para Carvalho da Silva, a outra central sindical, a UGT, está a cometer um "erro estratégico grave" quando, no quadro de discussão das reformas anunciadas pelo Governo,

defendeu o desenvolvimento de mecanismos de pensões complementares.

A lei da mobilidade anunciada para a administração pública foi também abordada pelo líder sindical, que, num palanque virado para o ministério, disse: "Não vão em cantigas. Esta treta da mobilidade é um encaminhamento para a redução de salários e para o desemprego" que tem como objectivo "criar condições para as privatizações".

O Dia Nacional de Luta representou, para Carvalho da Silva, que iniciou o dia com acções em Viana do Castelo, "um salto qualitativo" devido ao elevado número de plenários e concentrações realizadas no país. "Esta indignação, que ainda é um pouco surda, vai transformar-se em mobilização social intensa", prognosticou.

No final da concentração de Lisboa, os participantes aprovaram uma moção em que rejeitam as propostas do Governo para a Segurança Social, "reclamam uma nova política" que dinamize o crescimento, reclamam uma valorização do salário mínimo que o leve até aos 500 euros em Janeiro de 2010 (actualmente está em 385,90) e exigem medidas de combate ao desemprego e à precariedade. ■

"É o pior governo desde 25 de Abril"

À concentração na Praça da Batalha, promovida pela União de Sindicatos do Porto (USP) e integrada no "Dia Nacional de Luta" da CGTP/Intersindical, não acorreram só funcionários públicos e sindicalistas. Estavam lá professores, operários fabris - dos têxteis e dos componentes automóveis -, mas também da Brisa e da Efacec. Mas também lá estavam reformados e profissionais por conta própria, que quiseram com a sua voz engrossar o coro de protestos que dá corpo "à luta dos trabalhadores".

Foram cerca de três mil as pessoas que aplaudiram João Torres, coordenador da USP, que numa frase do seu discurso sintetizou as críticas que o PÚBLICO foi ouvindo entre os

manifestantes: "Este é o pior Governo desde o 25 de Abril".

A canadiana que amparava os 79 anos de Arnaldo Coelho ainda foi levantada em riste algumas vezes, "para protestar pela perda de direitos dos trabalhadores". "Eu já sou reformado, com um 'r' em letra pequena, mas não são os 350 euros que recebo que me vão calar", afirmou este ex-ferroviário.

José Oliveira Ribeiro trabalha por conta própria e dispensou-se da tarde de trabalho para se juntar aos protestos. Fez-se acompanhar de uma oração em cartaz: pedia ao "Pai Nosso que estais em Belém" para "nos livrar do que eles fazem de mal". ■ LUISA PINTO